

PROFESSOR DEFENDE

Antropologia deve estar nas pesquisas científicas

Luiz Vasconcelos

RENAN PINTO QUESTIONA A AUSÊNCIA DA ANTROPOLOGIA NAS PESQUISAS DE ÓRGÃOS COMO O INPA E A UNIVERSIDADE

ANA CELIA OSSAME

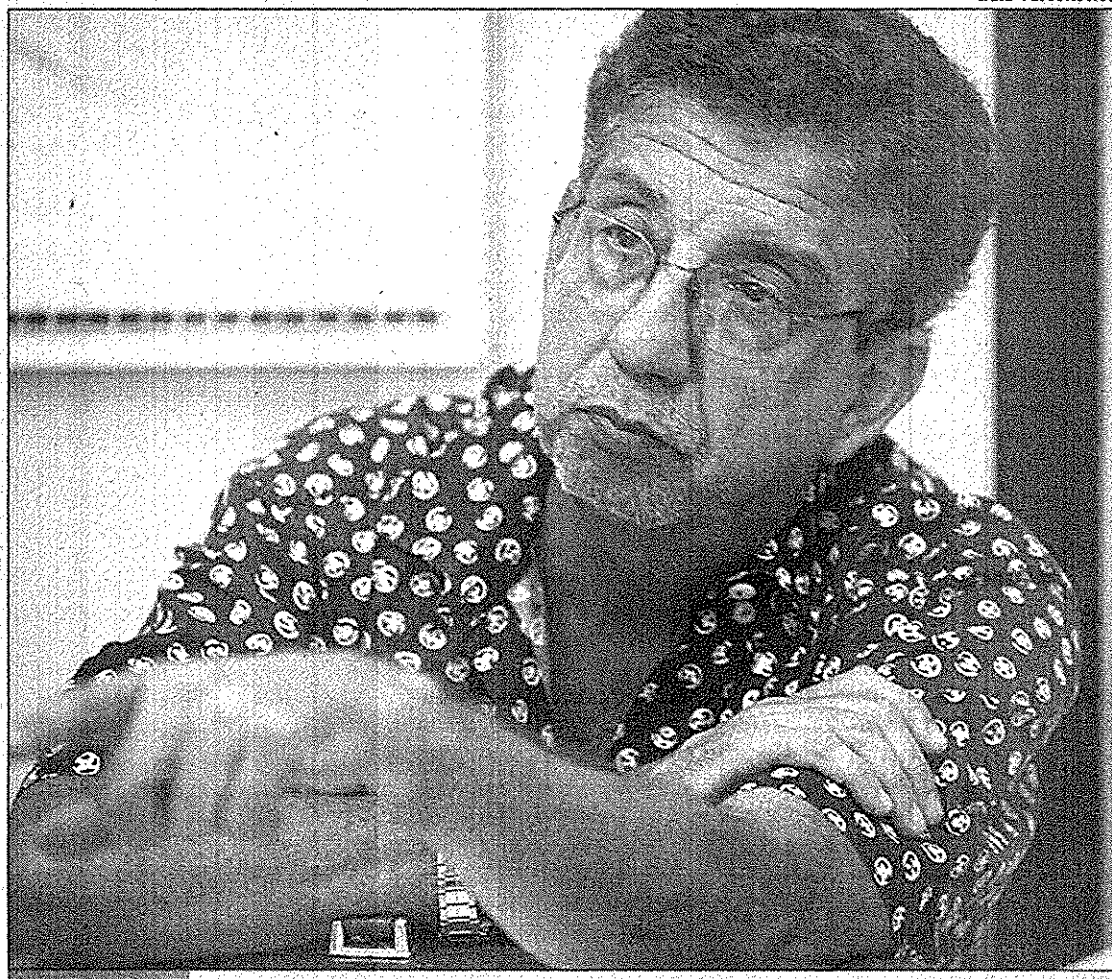
Está na hora de deixarmos de conhecer a Amazônia pela visão e pesquisa de cientistas estrangeiros, de deixarmos de ser objeto de pesquisa, mais leitores que produtores de conhecimento. A proposta é do professor Renan Freitas Pinto, 60, da Universidade do Amazonas (UA), ao explicar que a maioria das informações que se tem da região vem de pesquisadores do século 17 como Samuel Fritz, La Condamine, João Daniel e Alexandre Rodrigues Ferreira.

Estes pesquisadores realizaram um verdadeiro inventário sobre os rios, montanhas e vales deste território escrevendo sobre a terra e os povos, suas línguas, técnicas e conhecimentos tradicionais.

Mestre em ciências sociais, Renan defende também a introdução da antropologia como diretriz básica nos projetos de ciência tanto da UA quanto do Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (Inpa). Na visão dele, o Brasil tem um papel fundamental nessa área e a Amazônia, um papel mais importante ainda. "Não se pode pensar em um novo País sem se pensar nesta região, que é o nosso maior patrimônio", afirma ele, apostando que o Brasil é um dos produtores mais agressivos deste novo conhecimento.

Renan afirma que se compararmos a produção científica do passado com a atual veremos que havia uma produção consistente tendo, inclusive, a predominância do chamado "espírito antropológico" nas pesquisas. "A história da ciência vinculada à região remonta ao século 17 e naquela época a antropologia possuía um peso maior na atividade dos pesquisadores, mesmo que esta não estivesse consolidada como ciência.

Segundo o professor, naquela época a antropologia tinha maior peso do que hoje na atividade dos pesquisadores. Não era concebível, por exemplo, estudar as plantas e os animais como objetos iso-



RENAN Quer conhecer a Amazônia pela visão dos estudiosos locais

lados de suas múltiplas implicações econômicas, culturais, sociais como a medicina, a produção artística, a religião etc.

Ele questiona o fato de a Universidade do Amazonas não ter, até o momento, um sólido projeto de ciência que contemple a antropologia como sua diretriz principal. "Como compreender que o Inpa ao se estruturar como o principal instrumento de pesquisa desta parte da Amazônia, omita o homem em seu projeto de ciência?", indaga ele, para sugerir ao Inpa que implante, em conjunto com a UA, um programa de pesquisa e pós-graduação nessa área de conhecimento.

Apesar da ausência de "espírito antropológico" em nosso cotidiano, o professor constata uma consciência mundial relacionada à Amazônia criada ou pelo menos despertada pelo discurso antropológico, que insistia no reconhecimento da existência de povos culturalmente diferentes e que precisavam continuar vivendo.

CAPÍTULO DESCONHECIDO

O vínculo da ciência à Amazônia é um capítulo simples-

mente ignorado na nossa história, diz o professor, ao explicar que o papel das descobertas e estudos feitos pelos investigadores e estudiosos na construção dos paradigmas da ciência moderna ainda precisa ser conhecido e valorizado. "O Novo Mundo e em particular a Amazônia tiveram um papel especial na construção dos paradigmas da ciência moderna", afirma Renan, para destacar que o século 18 foi particularmente importante na produção de grandes inventários e de modelos explicativos que influenciaram nos destinos da ciência ocidental.

Segundo Renan, no entanto, para avaliarmos o quanto a Amazônia está ligada ao desenvolvimento de diversas ciências, precisamos conhecer o vínculo entre a história da ciência e a região. "A Amazônia se tornou um tema universal desde muito cedo graças às revelações que fizeram dela seus exploradores e viajantes, cronistas e cientistas", garante.

Como marco inicial da produção do conhecimento, ele cita a expedição de La Condamine, cuja viagem contava com a participação de outros cientistas e tinha

objetivos bem definidos. Ele articulou e integrou diferentes campos de investigação, com seus diferentes objetos, problemas e métodos. "É na antropologia, no entanto, que os escritos de Condamine representam uma contribuição mais importante como momento fundador da ciência da Amazônia", diz Renan, ao explicar que o pesquisador se preocupou em conhecer autores que contribuíram para a identificação da região do grande rio das Amazonas e menciona com destaque o nome de Samuel Fritz, estudioso jesuíta que viveu durante 37 anos nesta região.

Ainda que as idéias do padre Samuel Fritz, João Daniel, Alexandre Ferreira e do próprio La Condamine possam parecer preconceituosas ao pensamento atual, Renan observa a riqueza das informações que eles conseguiram reunir serve de compensação a este aspecto. "Eles desenvolveram projetos de ciência completos e abrangentes, demonstrando existir na Amazônia um espírito antropológico ou, se preferirmos, uma imaginação antropológica", assegura.

Conhecimentos indígenas valorizados

Sempre presente no debate da ciência ocidental, a Amazônia é a fonte de boa parte do conhecimento das ciências chamadas de etnociências, que são aquelas fundamentadas no conhecimento produzido pelas sociedades indígenas e locais, explica o professor Renan Freitas Pinto.

Ele cita como exemplo o nome de George Marcgrave, cientista alemão trazido em missão oficial e científica holandesa por Maurício de Nassau e que inaugurou entre nós vários campos da ciência, entre os quais a zoologia, utilizando conhecimentos indígenas. Ele fazia os inventários de plantas e animais tendo como

ponto de partida as descrições, uso alimentar, medicinal e mágico de informantes indígenas. O livro dele "História Natural do Brasil", datado de 1648, é considerado um marco da etnociência. Marcgrave teve influência direta na obra de Alexandre Rodrigues Ferreira, que o tinha como modelo.

Na avaliação de Renan, a dificuldade que a civilização que se implantou no Brasil sempre teve em reconhecer a existência das culturas indígenas é a grande questão das etnociências. E mais ainda, a dificuldade de reconhecer que os índios tinham e produziam conhecimento de zoologia, de botânica, do uso medicinal das plan-

tas e de boa parte da culinária.

O professor aponta um avanço nos últimos anos no que diz respeito ao reconhecimento da importância das etnociências, tanto do ponto de vista de um melhor conhecimento dos respectivos campos do saber, quanto de uma mudança em relação ao conhecimento. "Há uma mudança em relação ao reconhecimento de que as sociedades indígenas são detentoras de conhecimentos e técnicas que vêm sendo produzidos ao longo dos séculos", assegura.

Para Renan, a tendência é que com a ampliação dos estudos antropológicos nas universidades, as etnociências ganhem uma força maior. Com

isso, a botânica desceria do pedestal para buscar o conhecimento local fazendo uma ponte entre o conhecimento tradicional e o da ciência.

Neste aspecto, ele observa os questionamentos feitos hoje à visão prepotente da ciência, diante de tanta destruição produzida por ela tanto no homem quanto no meio ambiente. "O poder da tecnologia produziu tanta destruição que está sendo questionado, por isso a ciência tem que ser mais flexível e tolerante com outros conhecimentos", explica ele, acrescentando que a etnociência é a maneira de formular essa convivência, revalorizando os conhecimentos tradicionais.

DO MEIO AMBIENTE

Estrangeiros fizeram inventários

A tentativa de traçar uma arqueologia do pensamento em torno da Amazônia vai encontrar importantes chaves na obra de Buffon (1707-1788), que na visão de Renan Freitas Pinto são, na verdade, chaves para um melhor esclarecimento do pensamento ocidental moderno em sua acidentada topografia. Buffon realizou um dos primeiros e mais extensos inventários das variedades na espécie humana, tornando-se também um dos fundadores da antropologia física

e cultural, explica o professor. No livro "Do homem: escritos antropológicos", Buffon descreve a região dessa forma: "Na terra do Amazonas há uma prodigiosa quantidade de extensões de água, de rios e de bosques; o ar é, portanto, extremamente úmido e, em consequência, mais fresco do que seria numa região mais seca. Por outra parte, deve observar-se que o vento leste, que sopra constantemente entre os trópicos, não chega no Brasil até a terra do Amazonas e à Guiana, senão depois de ter atravessado um vasto mar, sobre o qual adquire uma frescura, que transporta depois todas as terras orientais da América equinocial; por esta razão, tanto pela quantidade de

quantidade e frequência de chuvas, essas partes da América são muito mais temperadas do que seriam, na verdade, sem essas circunstâncias particulares." Segundo Renan, apesar da existência de preconceitos em seus escritos e afirmações que não se sustentavam em qualquer tipo de experiência e de observação, a obra de Buffon abriu importantes caminhos para o espírito da nova ciência que se desenvolvia, assim como para uma nova atitude epistemológica em relação ao sentido transformador dos novos conhecimentos e novas questões.

SAMUEL FRITZ

O diário de Samuel Fritz, segundo o professor Renan Freitas Pinto, é outro documento essencial porque

seus escritos criam uma percepção dos elementos que tornam a paisagem particular, com a quantidade e extensão dos rios que a cada ano inundam enormes áreas de terra, a variedade de espécies animais e vegetais que muitas vezes constituem ameaças de vida tanto aos homens quanto aos animais e, sobretudo, a grande quantidade de povos indígenas, maior alvo dos trabalhos missionários nesta região.

A preocupação em revelar o que há de diferente no ambiente natural e humano dessa parte da América do Sul, naquela época fortemente disputada pelos portugueses e espanhóis marca a produção científica de Samuel Fritz.